

DA PLURALIDADE DOS CORPOS EDUCAÇÃO, DIVERSÃO E DOENÇA NA COMARCA DE VILA RICA¹

Maria Cristina Rosa

Universidade Federal de Ouro Preto
Capes

RESUMO

Sendo as Minas Gerais uma sociedade na qual se operam múltiplas trocas e trânsitos, esta pesquisa busca compreender processos de educação dos corpos a partir dos divertimentos, e circunscreve, como seu objeto, modos de educar, de se divertir, de adoecer e de curar. Apoiada em fontes, como iconografia, literatura e documentos, explora o terreno das normas em que o controle e direcionamento da vida diária estabelecem maneiras e modos de proceder, formas de educação dos corpos. Além disso, destaca o âmbito das contravenções. Tensionando esses dois pólos, tenta compreender como as pessoas se aproximam ou afastam dos padrões e ainda como os reinventam.

ABSTRACT

Being Minas Gerais a society that carries out numerous exchanges and circulation, this research tries to understand the proceedings of education of the bodies from the amusement on and circumscribes as its object, ways of educating amusing, falling ill and curing. Supported in sources such as iconography, literature and documents, it explores the rule's area where the control of daily's life establishes manners and ways to proceed, ways to educate the bodies. In addition, it stands out the contraventions. Having this two subjects in mind, tries to understand how people get closer to or distant from the standards and how they reinvent them.

RESUMEN

Siendo Minas Gerais a la sociedad que realiza los intercambios numerosos y circulación, intentos de esta investigación para entender los procedimientos de la educación de los cuerpos de la diversión, y circunscribe como su objeto, las maneras de educar, de se divertir, caer enfermo y curar. Apoyado en fuentes tales como iconografía, literatura y documentos, explora el área de las reglas donde el control de la vida de cada día establece maneras y maneras de proceder, maneras de la regla de educar los cuerpos. Además, releva las contravenciones. Teniendo este dos temas en mente, intentos para entender a cómo la gente consigue más cercano o distantes de los estándares y a cómo ella los reinventa.

Sendo as Minas setecentistas uma sociedade na qual se operam múltiplas trocas, mudanças, trânsitos, esta pesquisa busca compreender processos de educação dos corpos, especialmente na comarca de Vila Rica, a partir dos divertimentos, e circunscreve, como seu objeto, neste tempo e lugar, modos de educar, de se divertir, de adoecer e de curar.

Numa sociedade de cultura peculiar, dada pela descoberta do ouro no final do século XVII e, conseqüentemente, pelo intenso crescimento demográfico, organização do comércio e novas rotas (Júnia F. Furtado, 1999), aumento da mobilidade e renovação urbana, não só se estabelece como também se consolida a aceleração do processo de

¹ Esse artigo corresponde à parte inicial denominada Labirinto, com pequenas alterações, da tese de doutorado intitulada da Pluralidade dos corpos: educação, diversão e doença na comarca de Vila Rica, defendida na Faculdade de Educação da UNICAMP, sob orientação da professora Carmen Lúcia Soares.

civilização. Em razão disso, os corpos são mais vigiados e, ao mesmo tempo, têm acesso a normas bem como a práticas culturais diversas, mediante diferentes formas de diversão e trabalho, do convívio de etnias, tipos de alimentação, aquisição de tecidos e de adornos e da circulação de livros. Verifica-se intenso trânsito de conhecimentos, pessoas e modos de viver.

Formada por pessoas de origens diversas, como nativos, europeus e africanos, a sociedade proporciona relacionamentos — convivência e contato — entre pessoas de diferentes grupos, como negros, brancos, crioulos, pardos, forros, escravos e indígenas, traduzindo-se em entrecruzamentos diversos.

Predominantemente escravista, a sociedade tem como principal trabalho o manual, desprezado pela elite e eleito para os pobres e escravos, para o qual são necessárias força física e saúde para se ter bom rendimento.

Certos valores, como honra, cortesia, reputação, prontidão, zelo, passividade, prudência, obediência, probidade e cautela, são importantes, assim como a boa vizinhança. Alguns traços determinam *homens bons* e povo, como posses — principalmente de escravos —, cargos administrativos, cor da pele, ofício, crédito e limpeza de sangue, entre outras qualidades essenciais, como ser cristão velho, temente a Deus e batizado.

Afundada em lavras, inundada por enchentes, adornada pelo ouro, erodida pela água corrente e luzida por *corpos de cor*, a sociedade revela escândalo, fama, notoriedade e publicidade. Denúncias, inquirições, queixas, acusações, querelas, representações e requerimentos vêm de delitos, excessos de taxação, aumento indevido de emolumentos, irregularidades administrativas, roubos, epidemias, mortes, pecados da carne e desordens. Estabelecem-se causas de procedimentos, como *por ser público e notório*, *por dizer pública e geralmente*, *por ouvir dizer publicamente*, *por murmúrios*, *por indício e suspeita*, *por fama pública*, *de certa ciência*, *por voz vaga do povo*, *pelo que diz o mundo*, *se fez público*, *é notório em toda vizinhança*, *se disse vulgarmente* ou *é bem público*.

A sociedade é oral. Poucas pessoas são letradas. A visão e a audição são os principais sentidos. Aquela, entretanto, mais importante. Nesse contexto, os corpos escondem-se, recolhem-se, são vigiados ou vigiam uns aos outros, são expostos, ornados, tornam-se espetáculos, são sensuais. O visível é percebido a partir do aparente ou do que fica escondido.

Trata-se de uma sociedade *barulhenta*, não só por causa de gritos, alaridos, ruídos, pedidos de socorro, sons de açoites, bulhas, paus e pancadas, gritos a *el-Rei*, vozes vagas, risos, assobios e mexericos, que dão publicidade e notoriedade a escândalos e costumes, mas, sobretudo, porque os corpos não são silenciosos, contidos, quietos, regulados.

A população tem como referência das edificações localizar-se *junto à ponte*, *atrás da igreja*, *detrás da capela*, *na rua de cima*, *na rua de baixo*, *na rua da ponte*, *ao pé da igreja*, *na banda do corgo*. Outro indicador é a vizinhança, expondo as relações de contigüidade corporificadas por meio de janelas e varandas das moradas, das paredes das vivendas, das portas dos sobrados, dos encontros e desencontros dados em práticas religiosas, comerciais, de divertimento e trabalho. Assim delitos acontecem *na rua de cima pegado a* ou *de frente de* ou quando a cruz da procissão pára *na encruzilhada que divide o caminho que vai para a capela da Senhora do Rosário e de São Gonçalo*.

Os diversos locais, públicos e privados, ocupados por uma variedade de corpos que se misturam, evidenciam qualificações e desqualificações configuradas em práticas culturais de universos distintos, mas interligados. São muitas as caracterizações desses corpos: limpos, letrados, fortes; sujos, imundos, fracos, doentes; ociosos, preguiçosos, abundantes, excessivos; desocupados, vagabundos, inúteis; trabalhadores, fatigados, cansados, úteis; famintos, esqueléticos e epidêmicos. Entre os locais de sociabilidade se destacam vendas, tabernas, lojas e boticas; igreja; lavras, faisqueiras e fontes.

Nas vendas, tabernas, lojas e boticas, por causa do comércio de mercadorias, ocorrem o trânsito e imbricação de pessoas e culturas. Nas igrejas, onde avisos, convites, pastorais, editais e proclamas são divulgados e editais afixados², há contato de pessoas – mesmo de sexos diferentes – em conversas e olhares. Além disso, as poses podem ser reveladas pela forma de ir à missa (a cavalo, de liteira ou palanquim, a pé) e mesmo pela roupa. Lavras, faisqueiras e fontes são locais marcados pelo trabalho e, muitas vezes, por comportamentos considerados prejudiciais, como o comércio de quitandas, bebidas e corpos. As ruas, devido à multiplicidade de práticas e pessoas, se revelam como local de trânsito, comércio, desordem, diversão e misturas.

Práticas culturais propagam-se por lances dados na arrematação, toques dos sinos das igrejas chamando para rezar ou informando a morte, nascimento ou chegada de alguém, estrondos de foguetes que anunciam festas e fazem honras aos santos, ruídos de tambores que divulgam editais, festas sagradas e/ ou profanas, vozes do sino da Câmara convocando para reuniões, batuques que incitam danças em terreiros, murmúrios nas missas, tropel dos cavalos utilizados para vender mantimentos pelas ruas dos arraiais, vilas e cidades, cantos nas igrejas, alaridos nos ajuntamentos noturnos.³ São vultos, sombras e encapuzados que se destacam na pouca luz noturna ou sob a luz do luar, tato e contatos corporais proibidos, mistura de sexos, cheiros exalados de ervas, corpos e imundícies, quitandas, doces, pães, carnes e bebidas. Tudo isso é vivenciado pelos corpos que, embora regidos por uma educação de princípios moralizantes, têm os sentidos voltados para o mundo: delícias, prazeres, violências, disputas, riquezas, divertimentos, apetites e desejos desordenados, denominados por Angelo R. Sequeira (1754) de perigos e contratemplos.

O modelo colonizador que se tenta instituir é regido por uma concepção de corpo, comportamento, conduta e gesto que segue princípios da civilidade, uma vez que os europeus são considerados civilizados e outros povos, como índios, africanos e seus descendentes, selvagens ou bárbaros, primitivos.

A tentativa de civilizar os corpos na América Portuguesa almeja a ordem com fins econômicos, numa sociedade em que se deseja estritamente voltada para o trabalho e para a aquisição de riqueza, em que o desgoverno ou a falta de direção traz prejuízos, transgressões, incivildades. No entanto, um universo cultural diferente do modelo que se pretende estabelecer é afirmado.

Segundo Eduardo F. Paiva (2001), a sociedade das Minas é dinâmica e não se submete completamente à administração metropolitana, que, mediante diferentes tentativas, busca o controle rigoroso, sem muito êxito. Ao fazer essa afirmação, o autor revela uma configuração que se estabelece, porque, além de possibilitar novas cores e etnias, constitui uma concepção de corpo que não se limita ao modelo europeu:

O dia-a-dia do mundo colonial, sobretudo das cidades, vilas e arraiais, foi marcado, portanto, por uma tal circulação de modos, de imagens, de tradições e de novidades, que diferenciaram, em grande medida, do cotidiano da matriz metropolitana e dos modelos de ordem social concebidos, mas nem sempre praticados no Velho Mundo. O que há, por

² Interessante é observar que há o costume de afixar editais, entre outros documentos, para serem lidos pela população, embora a maioria seja iletrada. O que significa isso? Pensar mais na sensibilidade visual, em que a presença da ordem, que regulamenta, já diz muito, anuncia.

³ Darnton, R. A voz do povo, 2005. Ao falar sobre os “ruídos públicos” de Paris no século XVIII, este autor mostra uma cidade que tem a oralidade como seu principal sistema de comunicação. Embora o enfoque seja a passagem da conversa para a versão escrita, ou seja, a institucionalização da palavra, ele suscita as dificuldades em detectar esses sons devido à distância de séculos e também pela razão de que muitos murmúrios se perderam no ar, o que instiga a realização de pesquisas que tenham como tema as sensações corporais.

consequente, na Colônia é uma enorme mobilidade física, institucional e cultural que tem sido, há tempos, tomada como emblema de uma disseminada desordem administrativa e social (Paiva, 2001, p. 33).

Neste contexto, os corpos são mercadoria, propriedade, força de trabalho, produto, lugar de bons e maus tratos, prazeres e castigos, de distinção social. Eles possuem, imprimem e intercambiam *marcas físicas e culturais*. São agentes históricos e não obedecem, simplesmente, às ordens estabelecidas. Dessa forma, embora haja determinações, por parte dos poderes secular e eclesiástico, para tempo e espaço específicos de determinadas práticas e de etnias responsáveis por certos ofícios, proibição de certos comportamentos para determinada condição social e tratos destinados a corpos específicos, a combinação atinge tudo.

É, pois, uma sociedade miscigenada e híbrida que mistura, além de etnias, informações, tradições, culturas (Paiva, 2001). Portanto se misturam estratégias formais e informais, como comércios, confrarias, danças, fugas, sublevações, ajuntamentos, assaltos, festejos e conversas. Cores, gestos, divertimentos, práticas de cura, cuidados corporais, adornos, religiosidades, entre outros elementos, revelam uma singularidade configurada por resistência, diferença, renúncia, tolerância e conflito:

Ora, o hibridismo cultural não eliminou espaços, práticas, crenças e ritos que se fizeram impermeáveis e permaneceram resistentes a alterações e adaptações. E isso ocorreu entre europeus, africanos e indígenas e envolveu culinária, música, canto e dança; festejos e celebrações; religiosidade; indumentária e ornamentos; língua; conhecimentos técnico, medicinal e mágico; gestos e atitudes [...] Coexistiram, portanto, na sociedade colonial um movimento que tendia a misturar heranças culturais diversas e outro constituído por resistências ao hibridismo. Não eram movimentos antagônicos, embora embates entre eles fossem frequentes e naturais mesmo (Paiva, 2001, p. 38).

Esta pesquisa, tendo como pressuposto básico a idéia de que o universo cultural que se configura não se restringe ao modelo europeu e de que nem sempre se prende aos valores, gestos e costumes de africanos, indígenas e europeus, caracterizando-se por hibridações, permeabilidades e permanências, busca compreender a dinamicidade dos corpos na região das Minas, especialmente da comarca de Vila Rica, destacada pelo intenso processo de configuração urbana e pelo escravismo.

Formada por núcleos urbanos e rurais, a comarca de Vila Rica ocupa o centro da Capitania de Minas, em termos econômico, populacional e comercial. São arraiais, distritos, freguesias, vilas e cidades. São paragens, ruas, becos, ladeiras, morros, travessas, matos, penedos e capoeiras. Vivendas, sítios, arrabaldes e subúrbios. Pontes, córregos, fontes, praças, cruzeiros, passos e capelas. Faisqueiras, lavras, casas de cortes, quilombos e boticas.

A sede é Vila Rica, local de trabalho e diversão. Sede administrativa da Capitania, a Vila é o centro da área urbana. Seus bairros, arraiais e arrabaldes formam o cenário composto por casas de morada, vendas de secos e molhados, boticas, tavernas, lojas, igrejas, cruzeiros, cadeia, Casa da Câmara, Santa Casa de Misericórdia, lavras, pelourinho e engenhos. Chafarizes, palácios, solares e igrejas construídas nos tempos áureos, final do século XVII e século XVIII, período da extração do ouro.

Mas outro centro urbano deve ser ressaltado: a Vila de Nossa Senhora do Carmo, atual Mariana, elevada a cidade em 1745 para sediar o Bispado. As duas localidades concentram características e práticas relativas ao urbano, como a edificação da Casa da

Câmara e Cadeia, matriz ou catedral, quartel, além de pontes, calçamentos e fontes. Acontecimento de sublevações, assuadas ou aclamações festivas e pomposas, como chegada de bispo ou governador, exéquias reais e comemorações de casamento real, comércio de secos e molhados com mercadorias produzidas no país e no exterior; presença de comerciantes (mercadores, mascates, caixeiros, negras de tabuleiro), tendas de sapateiros, alfaiates e outros ofícios, não faltando cirurgiões, curandeiros/ feiticeiros e a prostituição.

Assim, ao procurar compreender os corpos que habitam e circulam na comarca, a partir dos divertimentos, tem-se como ponto central de interpretação, em lugar do processo de padronização, tudo que os faz escapar da *civilização*, que deixa rastros e marcas sutis, indelévels, difíceis de captar, que é desconhecido, quase anônimo. O que se procura são as diferentes formas de apropriação, a inventividade e ambivalência que se revelam pela experiência humana, em diferentes esferas da vida. Procuram-se descontinuidades e permanências com interesse em estudá-los nesse processo histórico.

Olhar os corpos dessa comarca é olhar a sociedade, predominantemente masculina e marcada por traços da escravidão. Tentar compreendê-los em sua historicidade é pensar nas transformações com que comportamentos, práticas e costumes se naturalizam, pois o corpo – texto, imagem, matéria, objeto de conhecimento — é sempre plástico, fluido. Como um rascunho, “não cessa de ser descoberto, é preciso não perder de vista a provisoriade de cada conhecimento produzido a seu respeito: constantemente redescoberto, nunca, porém, completamente revelado!” (Denise B. de Sant’Anna, 2000, p. 237). O corpo é sempre inacabado e vivo, como os conhecimentos produzidos a partir de suas marcas ou ausências. Nunca uma interpretação apenas.

Jorge Crespo (1990), Georges Vigarello (1996), Denise B. de Sant’Anna (1993; 2001) e Carmen L. Soares (1998), entre outros autores, considerando o corpo como tema de estudo da/ na história, permitem considerar gestos, cuidados corporais, divertimentos, entre outras práticas, como possibilidade de compreender sociedades. São sinais, códigos, técnicas que denotam transgressões, obediências, limites, poderes, éticas. É, pois, com as idéias desses autores que se desenvolve esta pesquisa, que tem a comarca de Vila Rica como lugar de delimitação dos corpos, na educação, no divertimento, na doença e na cura.

Vale destacar que os corpos que circulam e habitam as Minas setecentistas são temas de pesquisas sobre assuntos diversos, como medo, moda, doença e *pecados da carne*. Entretanto, em sensibilidade, gestualidade e aparência, não se circunscreve o centro das discussões. Este estudo, ao percorrer fontes sobre a comarca de Vila Rica, que versam sobre normas e contravenções, trata, essencialmente, dos corpos de negros e seus descendentes, que, além de configurarem a maioria da população, prevalecem no domínio dos delitos e das transgressões.

PERCURSOS

Diversos são os caminhos trilhados nesta pesquisa, configurados por cidades, arquivos e tipos documentais, aproximações e distanciamentos de fontes, troca de informação.

Documentos, iconografia e literatura, fontes que não são compreendidas como relatos de verdades, representações, mas como narrativas, vestígios que, aliados à sensibilidade do pesquisador, dialogam com outras produções culturais da época e suscitam interpretações. Procurou-se, pela aproximação de fontes que não têm como tema a diversão, descobrir indícios sobre esta manifestação cultural, percurso que suscitou caminhos inicialmente não planejados. Como lembra Marc Bloch (s.d., p. 71), “há no

fundo de quase todas as investigações documentais um resíduo de imprevisto e, conseqüentemente, de risco”.

Em arquivos localizados em Belo Horizonte, Ouro Preto e Mariana, foi analisada documentação camarária, cartorária e eclesiástica – um universo amplo que, ao primeiro olhar, pode revelar fragilidade e superficialidade do estudo, mas que propicia profundidade, mergulho.

Foi explorado o terreno das normas bem como o âmbito das contravenções. Aquele, mediante ordens, mandados, editais, posturas e pastorais, expedidos tanto pela Igreja quanto pelo Estado, principais instituições de poder, que ordenam, proíbem e recomendam comportamentos e regulamentam os costumes e a moral, almejando ordenar o *bem comum*. Tem-se por pretensão governar e dirigir a vida diária, investigando maneiras e modos como as pessoas devem proceder. Educação dos corpos? Já as contravenções, por transgressões, delitos e desvios, descortinadas pela justiça eclesiástica e civil, possibilitam compreender como as pessoas se aproximam ou afastam dos padrões e ainda como os reinventam. Caminhos e descaminhos?

Tomando por base alguns trabalhos, como o de Maria Beatriz N. da Silva (1984), esta pesquisa procura construir uma narrativa em que cotidiano e normas – jurídicas, religiosas e sociais – estejam juntas, revelando aproximações, distanciamentos, distorções, adaptações e usos. A intenção, entretanto, não é confrontar, mas, sim, tensionar, para “apreender de que modo tais normas eram conhecidas, acatadas ou contestadas numa sociedade claramente determinada no tempo e no espaço” (1984, p. 8).

No Arquivo Público Mineiro (APM), foi consultado um número considerável de fichas referentes a documentos não encadernados. São receitas e despesas de festas realizadas em Vila Rica com a participação da Câmara Municipal, uma das formas de diversão, petições solicitando o pagamento do fornecimento de cera, incenso e de outras despesas miúdas. Também posturas municipais, atas da Câmara e editais. No Arquivo Histórico Câmara Municipal de Mariana (AHCMM), foram consultados documentos relativos ao Senado da Câmara, posturas municipais, editais, termos de prisão e arrematação e miscelâneas, livros com documentos diversos. Todas essas fontes são importantes porque permitem entender a regulamentação da vida cotidiana, o uso do espaço urbano e suas transformações bem como os costumes, reformas e transgressões que ocasionam a necessidade de alterações e de novas regras.

No Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana (AEAM), foram examinados minuciosamente livros de devassas eclesiásticas que abrangem a comarca de Vila Rica. Essas são realizadas durante as visitas diocesanas, em que “se desterram vícios, erros, escândalos, e abusos”.⁴ Além disso, foram consultados livros que contêm pastorais e capítulos de visitas, ou seja, mandados, proibições, recomendações, advertências, regulamentações e ordenações que buscam consertar erros e costumes considerados impróprios, consertar desordens e ruínas, desterrar pecados, verificar o cumprimento das Constituições e proceder nas deficiências. Tudo isso com o intuito de orientar comportamentos, alcançar a decência dos corpos e dos espaços e atacar os costumes, ou seja, “para extirpar os vícios, plantar as virtudes”⁵ e alcançar a perfeição.

No Museu do Livro (AEAM/ ML) foi feita a leitura de alguns manuais de teologia moral e de casos e consciência, normalmente organizados com perguntas e respostas, uma forma de fácil compreensão. Essas leituras são importantes, pois a Igreja, junto com o Estado, atua no processo de normatização. A Igreja estabelece irregularidades, regras dos costumes, censuras “para precaver também de culpas, corrigir e reformar os costumes humanos”, delitos, entre outros elementos que influenciam a composição e sensibilidade

⁴ AEAM, Livro de Devassa Z 04, fl 3v, em 1748, Vila do Príncipe.

⁵ AEAM, Livro Pastoral H 14, fl 28v, em 1741.

dos corpos, em seu tempo e espaço. Conforme indica Maria Beatriz N. da Silva (1984, p. 9), nessas obras a doutrina da Igreja “se mostra mais variada e flexível e também mais próxima das realidades sociais com que seus autores conviviam”.

No Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência (AHMI), que guarda documentação referente ao termo de Vila Rica, foram investigados processos-crime que abrangem autos de devassa, queixas e autos sumários. Foram lidos também autos de devassa do século XVIII, que são sumários em que, a partir da formação do corpo de delito e inquirição das testemunhas, se obtém informação de um delito com a intenção de pronunciar e punir o culpado. Esses processos referem-se aos maus comportamentos e a formas de ordenação bem como à vida diária das pessoas.

No Arquivo da Casa Setecentista de Mariana (ACS), os processos lidos referem-se ao termo de Mariana. Devido à diversidade de autos que abarca e ao número restrito de processos diretamente relacionados ao âmbito das diversões, foram localizadas práticas sociais que se referem, diretamente ou não, aos divertimentos. Entre os assuntos apresentados no catálogo do crime, afora as janeirinhas, que são as devassas gerais realizadas no mês de janeiro, foram selecionados, inicialmente, processos sobre jogos proibidos, embriaguez e distúrbios, venda fora do estabelecimento, briga de irmandades e distúrbio na procissão. Também processos que versam sobre injúrias e delitos da carne por compreender essas práticas como relacionadas ao divertimento. Foram também selecionados processos sobre violência, principalmente a física, um esforço para encontrar referências aos divertimentos nessas contravenções.

É importante destacar, pela maioria das fontes pesquisadas, que a população escrava emerge com força. Nas proibições, restrições, averiguações e indagações os escravos são sempre citados como os principais infratores. Mesmo não podendo testemunhar, em processos civis ou eclesiásticos, pela sua suposta desqualificação, há exceções, como devassas que envolvem a ação de calhambolas, que agem geralmente em lugares desertos e despovoados, difíceis de conseguir provas, “è em termos tais permite o direito que, para prova dos delitos, se admitam testemunhas de qualquer qualidade, e ainda escravos”.⁶

Desse modo, ao trabalhar com essas e outras fontes, experimentou-se o desconhecido. A diversão não é um tema corrente, fazendo conviver com ausências. Foi necessário, pois, somar “ao estudo de uma imagem particular o estudo de sua mobilidade, de sua fecundidade, de sua vida” (Gaston Bachelard, 1990, p. 2).

Lícitos ou não, locais e formas de diversão traduzem tempos e espaços de trânsito, sociabilidade, permissividade, publicidade, desordem, restrição e banimento. Recebem, pois, entre outras práticas, destaque nas proibições e tentativas de governo.

Associada ao vício, à falta de trabalho, ao prazer, aos negros, à ociosidade, à carne, à doença, ao pecado e à *vida deliciosa*⁷, a diversão está permeada, impregnada e encharcada, em todos os sentidos, pelo discurso moralizante e civilizador que tenta, mediante diversas intervenções, governar, ordenar e silenciar corpos então considerados desregrados, devassos, dissolutos. A diversão revela-se, portanto, como uma produção cultural em que diferentes processos educativos tentam se instaurar.

No entanto ainda se sabe pouco sobre os corpos setecentistas que, em diferentes manifestações e contextos, denotam visibilidade, trato, cuidado e distinção social. Menos

⁶ AHMI, códice 444, auto 9324, 1º of, em 1739.

⁷ SEQUEIRA, A. R. Botica preciosa e thesouro precioso da Lapa, 1754, p. 403 e 406. No exame do estado da alma, que “são como uma anatomia do estado interior da alma, a fim de arrancar os maus hábitos, e plantar os bons”, Angelo R. Sequeira aponta os divertimentos como um impedimento, entre outros, para alcançar a perfeição, para a salvação.

ainda sobre os corpos que, com seus excessos, são o centro dos divertimentos. Para compreender os corpos setecentistas, especificamente os da comarca de Vila Rica, a partir deste tipo de produção cultural, a diversão, foi, inicialmente, necessário apreender os processos educativos que os permeiam nos diferentes âmbitos da vida. Algo inevitável. Descaminho?

Buscou-se, assim, compreender a idéia de educar o outro, no sentido polissêmico que o termo abarca, lidando com bons e maus tratos, com o homem branco e com o escravo e seus descendentes, estes últimos não considerados gente, mas coisa, sem alma. Daí a razão de serem percorridos processos educativos delineados por intermédio da Igreja, de pais, senhores e criadeiras, entre outros, como também investigadas mudanças preconizadas nos espaços físicos, uma vez que ambos, corpos e espaços, neste tempo e local, podem sofrer significativas intervenções que almejam ordenamento e limpeza, mediante alterações em superfícies, nos invólucros.

Desse modo, em caminho inverso, ou *a contrapelo* (Walter Benjamin, 1994), narra-se, primeiramente, a aproximação aos corpos setecentistas da comarca de Vila Rica, configurados principalmente por negros e seus descendentes: corpos alegres, festivos, doentes; sujeitos a diferentes processos educativos que perfazem bons e maus tratamentos, “pedagogias” que buscam, na construção de aparências, coibição, banimento, regularização e alteração de comportamentos considerados incivilizados, entre os quais se destacam os divertimentos.

Ao percorrer fontes buscando delimitar ou encontrar o universo das diversões, foram descobertas práticas culturais diversas, como jogos, festas, danças, batizados e batuques, acontecidos em ruas, caminhos, igrejas, vendas e casas de alcouce, entre outros lugares. Para além das normas, transgressões e tentativas de governo, depara-se com as doenças.

Extremamente atreladas, diversão e doença manifestam-se em diferentes práticas e discursos, como o eclesiástico, médico e jurídico, em que são também associadas ao vício e ao pecado. Tentou-se compreender os diferentes entendimentos do que são as doenças, as principais causas, como imundície, comida de má qualidade, miséria, trabalho excessivo e modo como se descansa, os agentes que exercem a cura e as relações com os divertimentos. Vale destacar que nessa sociedade as colorações mais escuras da pele são indicadores essenciais da ignorância, incivilidade e de doenças. Assim, as doenças atribuídas aos negros e seus descendentes ganham destaque junto aos maus comportamentos a eles atribuídos, em que as diversas formas de diversão se pronunciam por meio de contravenções e excessos, como consumo exagerado de bebidas, agressões físicas e libertinagem.

Por isso, esta pesquisa circunscreve, neste tempo e lugar, a pluralidade dos corpos, modos de educar, de se divertir, de adoecer e de curar. Como ensina Ernest H. Gombrich (s.d., p. 89), as questões formuladas “não são assim, de modo algum, fruto do acaso; relacionam-se com todo um conjunto de convicções que queremos reforçar ou pôr em causa”.

- Fontes

Manuscritas

Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana
AEAM, Livro de Devassa Z 04
AEAM, Livro Pastoral H 14

Arquivo Histórico Museu da Inconfidência
AHMI, códice 444, auto 9324, 1º of, em 1739

Impressas

SEQUEIRA, Angelo Ribeiro. *Botica preciosa e thesouro Precioso da Lapa*, em que como botica e thesouro se achão todos os remedios para o corpo, para a alma, e para a vida, e huma [ilegível] vocaçoes dos santos para remedio de todas as enfermidades, e varios remedios, e milagres de N. Senhora da Lapa, e muitas novenas, devoçoens, e avisos importantes para os pays de familia ensinarem a doutrina christã a seus filhos, e criados. Lisboa: na officina de Miguel Rodrigues Impressor do Eminentissimo S. Card. Patriarca, 1754. Microfilme.

- Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos*: ensaio sobre a imaginação do movimento. 1ª ed. São Paulo: Martins fontes, 1990.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*: magia e técnica, arte e política. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLOCH, Marc. *Introdução a história*. 3ª ed. [s.l.]: Europa América, [s.d.].

CRESPO, Jorge. *A história do corpo*. [S.l.: s.n.], 1990.

DARNTON, Robert. A voz do povo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 mar. 2005. Caderno Mais, p. 10.

FURTADO, Júnia Ferreira. *Homens de negócio*: a interiorização da metrópole e do comércio nas Minas setecentistas. São Paulo: Hucitec, 1999.

GOMBRICH, Ernest Hans. Movimentos e períodos. In:_____. *Para uma história cultural*. Lisboa: Gadiva, [s.d.].

PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia*: Minas Gerais, 1716-1789. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo e história. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, PUC-SP, v.1, n.1, p. 243-266, 1993.

_____. As infinitas descobertas do corpo. *Caderno Pagu*. Campinas, SP, n. 14, p. 235-249, 2000.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Sistema de casamento no Brasil colonial*. São Paulo: T. A. Queiros: Universidade de São Paulo, 1984.

SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação no corpo*: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo*: uma história corporal. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Maria Cristina Rosa
Universidade Federal de Ouro Preto

CEDUFOP - Campus Universitário
Ouro Preto – MG / CEP- 35400-000
e-mail:m.crosa@bol.com.br